

# A produção literária de Luísa Ducla Soares: Uma obra multifacetada\*

Carina Rodrigues\*\*

## RESUMO

Porque estudos anteriores vêm testemunhar a escassez de obras literárias de qualidade junto do público infantil, e em particular nos jardins-de-infância actuais, surge o interesse de apresentar, a todos os profissionais de educação pré-escolar, e não só, as virtualidades da obra de Luísa Ducla Soares, que prima pela sua pluralidade literária, ao nível temático e formal, oferecendo livros diversificados e adequadamente dirigidos à pequena infância. Propomo-nos, através de uma breve análise das especificidades da sua escrita, da diversidade das temáticas inerentes às suas histórias e da qualidade estética e literária das suas publicações, reflectir sobre as potencialidades das suas obras, pelas quais se tem distinguido no actual panorama literário para a infância.

1. Com mais de meia centena de livros publicados para o público mais novo, Luísa Ducla Soares é, presentemente, uma das escritoras mais prestigiadas<sup>1</sup> no cânone da literatura portuguesa para a infância e a juventude. Dos géneros literários que elege, sobressaem o texto lírico<sup>2</sup>, em que se assiste a um verdadeiro trabalho de recolha e adaptação de textos da tradição<sup>3</sup> e, predominantemente, o narrativo. Este, é representado tanto pela novela (dirigida a um público já adolescente, como o caso do

\* Texto adaptado de uma Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, apresentada à Universidade de Aveiro, em Março de 2008, intitulada *O livro no jardim-de-infância – Um olhar sobre a obra de Luísa Ducla Soares*.

\*\*Mestre em Ciências da Educação na Área de Especialização em Formação Pessoal e Social pela Universidade de Aveiro.

<sup>1</sup> Em 1973, recusou, por motivos ideológicos e políticos, o Grande Prémio “Maria Amália Vaz de Carvalho”, que o SNI pretendeu atribuir-lhe pela sua primeira obra, *A História da Papoila* (1972). Recebeu o Prémio Calouste Gulbenkian para o melhor livro de literatura para a infância do biénio 1984-1985 por *6 Histórias de Encantar*, vindo a ser galardoada, em 1996, com o Grande Prémio Calouste Gulbenkian pelo conjunto da sua obra. Em 2004, foi nomeada para o Prémio Hans Christian Andersen (IBBY), geralmente considerado o Prémio Nobel da literatura para a infância.

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, *Poemas da Mentira e da Verdade* (1983); *A Gata Tareca* e *Outros Poemas Levados da Breca* (1990), ou ainda, *Arca de Noé* (1999).

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, *O Casamento da Gata* (1997), *A Nau Mentireta* (1992), *Destrava-línguas* (1988), *Lengalengas* (1988), *Adivinha Adivinha* (1991), ou ainda, *Mais Lengalengas* (2007).

*Crime no Expresso do Tempo*, de 1988) como pelo pequeno conto, e que, por sua vez, também vai da prosa ou verso<sup>4</sup> (Florêncio, 2001)<sup>5</sup>. Já as suas histórias em prosa incluem as rimas (canonicamente ou inteiradas na prosa), alguns álbuns narrativos infantis<sup>6</sup>, outros juvenis<sup>7</sup>, livros ilustrados<sup>8</sup>, livros diferentes, tanto pelo tamanho como pelo formato, ou ainda, pela apresentação<sup>9</sup>, contos, um romance<sup>10</sup>, adaptações<sup>11</sup>, e ainda outros livros de cariz mais didáctico<sup>12</sup>.

Caracterizado fundamentalmente pela brevidade dos seus textos, pela actuação de personagens com especificidades relativamente simples, movidas numa acção mais concentrada, tanto ao nível do espaço como do tempo, no domínio da ficção narrativa, o conto ilustrado para crianças é um dos géneros mais populares e divulgados, e que requer, seguramente, um tratamento particular, diferente de outros géneros de maior dimensão. Estes são aspectos singularmente visíveis em obras de Luísa Ducla Soares, designadamente, e a título meramente exemplificativo, em *O Caranguejo Verde* (1981)<sup>13</sup>, ou ainda, em *O Ratinho Marinheiro* (1973), nos quais a acção é centrada num momento fulcral da vida do protagonista. Nestes textos, o tempo surge concentrado, sendo apenas uma breve fracção da narrativa, precisamente a vida das personagens, a que se revela mais decisiva e que, só por si, facilitará a motivação e a harmoniosa adesão da criança-leitora. O livro *A Festa de Anos*, publicado em 2004, narra a história da avestruz “Catrapuz” que, tal como o título indica, pretende festejar o seu aniversário junto dos seus amigos: a gatita “Tita”, o cão “Sultão”, o rapaz “Tomás” e a foca “Pinoca”. Esta narrativa desenrola-se fundamentalmente à volta deste episódio marcante da vida dos protagonistas, nomeadamente a preparação da festa, a entrega de convites e o lanche especial que a avestruz confeccionou à sua imagem e ao seu gosto, mas em nada apropriado aos seus convidados. Com esta narrativa, Luísa Ducla Soares manifesta a sua particular habilidade em prender a atenção da criança, pela recriação de um universo ficcional facilmente identificável permitindo o reconhecimento da situação e do problema principal.

Esta vasta obra destinada à infância revela uma pluralidade temática e estilística própria da escrita contemporânea. Os textos de Luísa Ducla Soares assinalam uma reinvenção do universo tradicional, com uma forte componente maravilhosa, pela reactivação de marcas formais características do registo literário de tradição oral, com o recurso, a título de exemplo, a personagens típicas do conto tradicional, como é o caso das obras *O Dragão* (1982), *A Princesa da Chuva* (1984), ou ainda, de *6 Histórias de Encantar* (1985), nas quais interagem dragões, princesas e monstros, combinados com

<sup>4</sup> Como, por exemplo, em *Três Histórias do Futuro* (1982), *6 Histórias de Encantar* (1985) / *Seis Histórias às Avestas* (2004), ou ainda *O Ratinho Marinheiro* (narrativa em verso) (1973).

<sup>5</sup> Aqui, ver ainda uma reflexão de Isabel Vila Maior (2005) a propósito da obra de Luísa Ducla Soares.

<sup>6</sup> Tais como *AEIOU, História das Cinco Vogais* (1980) ou ainda *Os Ovos Misteriosos* (1994).

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, *Meu Bichinho, Meu Amor*, de 2002.

<sup>8</sup> Tais como *Dr. Lauro e o Dinossauro* (1973) e *É Preciso Crescer* (1992).

<sup>9</sup> Como, por exemplo, em *Mãe. Querida Mãe! Como é a Tua?* (2000).

<sup>10</sup> *Diário de Sofia & C.ª* (aos 15 anos) (1994).

<sup>11</sup> Como, por exemplo, os *Seis Contos de Eça de Queirós* (2000).

<sup>12</sup> Entre outros, *Vamos Descobrir as Bibliotecas* (1998), ou ainda mais recentemente, *123* (2001), *Cores* (2002), *Contrários* (2003) e *História de Dedos* (2005).

<sup>13</sup> Reeditado, em 2005, na colectânea *A Cidade dos Cães e Outras Histórias*.

temáticas, cenários e situações em que por vezes o humor ganha uma nova feição e em que a visão do mundo toma uma nova dimensão. Por exemplo, nesta colectânea de contos, inicialmente reunidos sob o título *6 Histórias de Encantar* (1985) e posteriormente publicada em 2003, com o título *Seis Histórias às Avestas*, deparamo-nos com vampiros que bebem groselha em vez de sangue, com uma menina cujo cabelo era mesmo de ouro, com um monstro que vivia de gasolina ou petróleo e com uma sereia que aprendeu o português, vindo mais tarde a cantar fado, e até mesmo a participar nas Olimpíadas de Xangai.

Nestes contos, Luísa Ducla Soares conduz o leitor “[n]um universo maravilhoso do qual, a todo o momento, parecem soltar-se apelos à ‘intervenção’ do pequeno leitor, sendo este convidado, por exemplo, a procurar o vampirinho, protagonista do conto com que abre o livro, a inventar outra história com base no destino desconhecido da menina de cabelos de ouro, a descobrir o reino dos mandriões e até a ajudar o pequeno herói de ‘Uma Aventura no Tempo’ a tomar uma decisão” (Silva, 2004, s. p.). A irreverência da narrativa, chamando a atenção do leitor para situações absurdas e comportamentos determinados pelo preconceito, desmontados através de jogos de palavras, contribui para a tomada de consciência, por parte das crianças, de uma multiplicidade de possíveis interpretações do mundo em que se inserem.

Com temas ligados à realidade quotidiana, através de personagens que são, quase exclusivamente, crianças ou animais, Luísa Ducla Soares possibilita à criança-leitora uma aproximação com os protagonistas da história. Encarnando, simultaneamente, quer especificidades que são próprias da sua condição animal, quer características humanas, estas personagens proporcionam à criança uma maior adesão. Como anuncia o título *Se os Bichos se Vestissem como Gente* (2003), neste álbum destinado ao público mais novo, Luísa Ducla Soares apresenta diversos animais que conjugam, de forma humorística, particularidades, próprias da sua condição com alguns aspectos especificamente humanos. Através de uma série de associações metafóricas, a autora apela à imaginação da criança, designadamente, calçando uma centopeia, vestindo um porco de bibe para não se sujar, ou ainda, pondo uma vaca a pastar de soutien. Retomando as palavras de Sara Reis da Silva, este álbum profusamente ilustrado revela “uma configuração lúdica muito original”, configurando-se como “um livro pleno de «perguntas malucas» ao qual pequenos e grandes leitores não conseguiram, com toda a certeza, resistir” (Silva, s. d.).

Embora em número mais reduzido, a obra de Luísa Ducla Soares conta já com alguns álbuns narrativos para crianças; género este que aposta na narrativização, enquanto forma de aproximar a criança do universo literário e artístico, numa fusão de linguagens textual e pictórica, constituindo ainda um dos géneros de maior sucesso no panorama editorial de potencial recepção infantil, sobretudo no que à primeira infância diz respeito.

Publicado, pela primeira vez, em 1994, o livro *Os Ovos Misteriosos* é um dos mais divulgados do vasto conjunto de textos da escritora. Esta breve história desenvolve-se segundo a arquitectura tradicional do conto, traduzida numa situação inicial, marcada pela instabilidade da personagem principal, numa série de peripécias, num ponto culminante e no desfecho, onde, de forma eufórica, surge solucionado o conflito, bem como a reiteração de alguns dos valores esboçados, de forma subtil, ao longo de todo enredo. Neste pequeno conto, Luísa Ducla Soares utiliza um discurso literário marcado

por uma simplicidade lexical e sintáctica, recorrendo em algumas vezes ao diálogo e à introdução de curtos segmentos poéticos (quase sempre em quadras rimadas com uma estrutura repetitiva), e que a par da linguagem artística de Manuela Bacelar, leva a que, nele, se assista a uma perfeita harmonia na conjugação dos dois discursos que o integram. Ao folhear este livro, deparamo-nos com uma profusão de imagens, não raras vezes figuradas em página dupla, e que, pelo seu predomínio em relação ao texto verbal, bem como pela clara representação das emoções inerentes a cada uma das personagens, se revelam profundamente articuladas e coesas com o próprio discurso linguístico. Esta relação intersemiótica, estabelecida entre a narrativa verbal e a componente pictórica, constitui um critério significativo na compreensão da mensagem pela própria criança, contribuindo fortemente para motivar a sua atenção.

Ao lado da narrativa, e como referimos anteriormente, a obra de Luísa Ducla Soares inclui ainda publicações de natureza poética, uma vez que, para o público ao qual se dirige, o texto lírico é um género literário de especial agrado. Se o domínio da narrativa, e em destaque o conto, se afiguram como os géneros de maior adesão por parte do público infantil, o caso da poesia não é menos eloquente. A poesia representa, para a criança, uma das formas de expressão que, pela sua feição lúdica e original, mais fomenta a sua motivação, permitindo-lhe divertir-se com as palavras e com os sons que, progressivamente, irão conquistando o seu domínio linguístico.

Partindo da perspectiva de José António Gomes (1993), podemos afirmar que, do ponto de vista temático, a poesia contemporânea para crianças mantém, por um lado, um olhar poético sobre o real, com a presença de elementos ligados à cidade, à natureza, ao homem adulto e à criança, como é o caso, por exemplo, do poema “A Volta a Portugal... na Asneira” de Luísa Ducla Soares, do seu livro *Abecedário Maluco* (2004). De facto, este poema insere-se na poesia lúdica, apostando no humor que resulta do *nonsense* e do insólito/estranheza das associações propostas.

Com a tendência para uma aproximação do mundo real, permitindo um contacto com situações ou enigmas que possam estar directamente ligados ao universo da criança, estes elementos revelam, por vezes, uma certa incidência, ainda, de aspectos ligados a questões sociais em fusão com outros temas, e esboçados, por exemplo, no poema “Tudo numa Semana”, também ele incluído na obra *Abecedário Maluco* (2004). Neste poema, a autora recria a tradição, tratando a vitória do sujeito poético sobre a morte.

Por outro lado, a poesia assume também um lugar de destaque perante o público infantil pelo recurso a personagens de carácter animal. Este constitui, de facto, um dos temas mais fortes da escrita para crianças, evidenciando-se enquanto mote poético, e encontrando eco audível na obra poética de Luísa Ducla Soares. Basta lembrar o seu livro intitulado *Arca de Noé* (1999) que, através de um conjunto de vinte e seis poemas, nos apresenta um universo repleto de animais de todas as espécies, ou ainda, como se pode ler na contracapa, “toda a espécie de bicharada: grande, pequena, selvagem, domesticada, meiga, endiabrada” (Soares, 1999). Relacionados com esta temática, estão ainda subjacentes outros fundamentos, aludindo, ora a aspectos mais particulares, onde o animal, enquanto sujeito poético, nos revela os seus próprios sentimentos (*O Ratinho Marinheiro* (1973)), ora apresentando-se como um espectador do mundo exterior (poema “Quem é ela?”, *Arca de Noé* (1999)).

De facto, no texto lírico assiste-se também a uma clara expressão de sentimentos, desde a amizade e a alegria à nostalgia, à tristeza ou ainda à sensação de perda, assumindo fortes e variadas tonalidades líricas (Bastos, 1999). Nos seus textos, Luísa Ducla Soares tem o poder de confrontar as suas personagens com situações de risco, perda ou solidão, permitindo, assim, à criança-leitora o contacto com realidades significativas. Vejamos, a título de exemplo, a história em verso *O Ratinho Marinheiro* (1973), na qual o pequeno roedor se vê submerso numa onda de peripécias, correndo sucessivos perigos quando, a dada altura, se vê devorado pela «bocarra» de uma baleia gigantesca.

Outra característica particularmente marcante neste género literário, e não menos relevante na obra da autora em análise, prende-se com a sua feição lúdica, claramente expressiva, e que revela todas as potencialidades da linguagem, evidenciando o significante e a sonoridade em detrimento do significado. A questão do ludismo pode ainda assentar na criação de situações invulgares ou até mesmo absurdas, designadamente por um certo cómico de situação ou de linguagem. A este propósito, é bastante elucidativo o poema “Tudo ao contrário”, da sua colectânea *Poemas da Mentira e da Verdade* (1983).

No caso particular da sua obra poética, Luísa Ducla Soares surge como uma das vozes mais significativas, pela ludicidade subsistente, também em muitos poemas da colectânea *Abecedário Maluco* (2004), sublinhada pelos diversos jogos de palavras e de fonemas e, ainda, pela construção humorística revestida, não raras vezes, de um discurso *nonsensical*, característico de vários dos seus textos.

Esta escritora revela, ainda, uma real habilidade em colocar-se na perspectiva da criança enquanto leitora/ouvinte, dialogando com ela e colocando-a, por vezes, no papel de narrador, como é o caso do “Poemas às Notas”, em que a escritora brinca com os significados plurais da palavra “nota”.

A poesia para a infância também se distingue por alguns aspectos significativamente marcantes no que respeita à sua forma, caracterizada, maioritariamente, pelo tamanho abreviado dos poemas, apresentando estrofes únicas e em número reduzido, vulgarmente construídas sob a forma de dísticos, tercetos, quadras ou quintilhas. Estes textos tendem, frequentemente ainda, a evidenciar uma certa aproximação às formas populares tradicionais, dando especial relevo à dimensão fónico-rítmica do discurso, traduzida na utilização não rara de aliteraões, repetições de palavras, de ritmos sincopados (nomeadamente pelo ritmo binário), da rima, assim como da relação mediada entre esses aspectos e o ritmo corporal (Bastos, 1999).

Na sua obra poética dirigida à infância, Luísa Ducla Soares revela um profundo trabalho de recolha e adaptação no campo da tradição oral portuguesa, particularmente no domínio das rimas, como, por exemplo, em *Lengalengas* (1988), *Destrava Línguas* (1988) ou ainda *Adivinha, Adivinha* (1991) e, mais recentemente, em *Mais Lengalengas* (2007). A autora apresenta, ainda, várias adaptações que, pela subversão, resultam em textos como a *Nau Mentireta* (1992) ou *O Casamento da Gata* (1997) que nos transportam para “memórias textuais herdadas da tradição oral”, mas de uma forma actualizada (Florêncio, 2001).

2. Das diferentes temáticas abordadas na literatura para a infância, que permanecem, de igual forma, na globalidade da obra de Luísa Ducla Soares, desenvolvida quase sempre com sensibilidade e delicadeza, recorrendo à ironia, ao *nonsense* e ao humor, encontra-se a ficcionalização de temáticas como a convivência social e a necessidade de integração da diferença (*Os Ovos Misteriosos* (1994)), a denúncia do racismo e a promoção do conhecimento de outras culturas (“Meninos de todas as cores”, in *O Meio Galo* (1976)) e da nossa memória colectiva, a crítica social, por exemplo ao materialismo e à sociedade de consumo (“Dia de Natal”, *Abecedário Maluco* (2004)), assim como a importância da preservação do ambiente e da natureza, marcadamente em *Três Histórias do Futuro*, de 1982. Neste último livro, a escritora recria ficcionalmente três situações de cariz problemático que, apesar de se afigurarem como acções previsivelmente futuras, se revelam muito actuais, e nas quais a temática da ecologia é central. Ainda a história “O Caçador Caçado” da obra *A Cidade dos Cães e Outras Histórias* (2005) é outro exemplo de sensibilização para a preservação ou conservação da natureza<sup>14</sup>.

Nas suas narrativas, difunde-se o elogio da diferença, perante a diversidade dos indivíduos e das suas especificidades, pelas múltiplas situações em que surgem representados, bem como pelas várias soluções apresentadas para as diferenças e problemas de cada um. Em *Uns óculos para a Rita* (2001), álbum ilustrado para os mais novos, Luísa Ducla Soares confronta a criança-leitora com uma situação quotidiana, caracterizada pela necessidade do uso de óculos por parte de uma criança, que para ela se pode tornar, de certo modo, constrangedora, não só em contexto escolar mas também na convivência com outras crianças, transformando-a numa história simples e, ao mesmo tempo, atractiva, numa arte que poucos escritores dominam. De facto, esta escritora possui a capacidade de desmistificar situações potencialmente inibidoras para o público infantil, tornando-as acessíveis e, às vezes, risíveis.

Se procurarmos na obra desta escritora uma referência universal, será certamente a da mensagem anti-racista, claramente notória em contos como “Meninos de Todas as Cores”, conto integrado no seu livro *O Meio Galo e Outras Histórias*, datado de 1976, ou ainda “A Menina Branca e o Rapaz Preto” e “O Homem Alto, a Mulher Baixinha”, ambos de 1985 e reeditados na colectânea *Tudo ao Contrário!* (2002). Nesses livros, Luísa Ducla Soares possibilita um conhecimento da diversidade do mundo, dos povos e das culturas que nos rodeiam, apelando, sem moralismos, à multiculturalidade e à riqueza que dela decorre. Em “O Homem Alto, a Mulher Baixinha”, a criança-ouvinte é confrontada com duas personagens profundamente marcadas pela diferença, não só física, como também nos seus modos de vida: o homem alto era “tão alto, tão alto, tão alto, que batia com a cabeça nas nuvens”, ao invés da mulher baixinha que, pela sua pequenez, “usava os malmequeres como chapéus-de-sol”. Mais, o homem alto tinha como animal de estimação uma girafa, enquanto que o da mulher baixinha era uma formiga (Soares, 2002, [4]). Embora, com condições visivelmente muito distintas, os dois protagonistas apercebem-se, no final da história, de que, mesmo assim, tinham muitos traços em comum: “tinham ambos cabelos ruivos, olhos verdes, três sardas na ponta do nariz” (*Idem*, [8]).

<sup>14</sup> A esse propósito, são de assinalar as recensões de José António Gomes (1997), de Violante Florêncio (2001), de Sara Reis da Silva (2005) e, mais recentemente, uma análise de José António Gomes, Sara Reis da Silva e Ana Margarida Ramos, (2006).

Por estes motivos, verificamos que, através de situações dicotómicas, que em vez de parecerem incompatíveis promovem a união, a diferença, mesmo que física, nunca será um obstáculo à aceitação do outro e à tolerância, na medida em que o que mais importa é a verdadeira essência de cada um. N'Os Ovos *Misteriosos* (1994), Luísa Ducla Soares "leva os mais novos, através da fábula simples e bem-humorada, a compreender que, se a união faz a força, esta resulta, sobretudo, das conjugação das particularidades ou especiais talentos que distinguem cada elemento de um grupo" (Gomes, 1997, 47).

A esta diversidade, ainda marcada pela multiplicidade dos sub-géneros narrativos, subjaz, na obra de Luísa Ducla Soares, "[...] uma unidade temática e de processos que [lhe] confere uma coesão assinalável" (Maior, 2005, 206). *Irreverente, transgressora e subversiva* são as palavras de Violante Florêncio para melhor descrever a atitude de Luísa Ducla Soares perante a diferença, claramente visível nas suas narrativas. Em seu entender, "Luísa Ducla Soares não aceita. Elogia. Não se fica pelo elogio da diferença: afronta o padrão de normalidade" (Florêncio, 2001, 4). Como sublinha a autora, esta leitura da obra de Luísa Ducla Soares leva "a afirmar que, mais do que aceitar a diferença, mais do que apelar à tolerância, o que aqui temos é um bem-haja, muito digno, aos que são diferentes, um elogio, muito terno, à vida" (*Idem, op. cit.*, 8).

**3.** Se a obra de Luísa Ducla Soares se revela como uma obra multifacetada pela diversidade dos seus textos, também no campo das personagens assistimos a uma variedade semelhante. Na sua obra literária, Luísa Ducla Soares oferece ao público infantil um vasto leque de histórias protagonizadas por figuras infantis, como é o caso de, entre outras, *Uns Óculos para a Rita* (2001), *Quem Está Aí?* (2003), ou ainda, *O Maluquinho da Bola* (2005). Porém, tal como acontece no conto *O Doutor Lauro e o Dinossauro* (1973), onde coabitam um protagonista adulto e uma figura do imaginário infantil – um dinossauro, a figura humana, embora de carácter adulto, pode apresentar especificidades que se aproximam do comportamento infantil.

Para além das múltiplas histórias onde é acentuada a participação de figuras adultas ("O Homem das Barbas" (1984)) e infantis, a autora em estudo também tem escritas várias histórias protagonizadas por animais. As primeiras publicações foram *O Ratinho Marinheiro*, *O Dr. Lauro e o Dinossauro* e *O Gato e O Rato*, todas elas publicadas pela primeira vez em 1973, mas, ao percorrermos a sua obra, verificamos que são inúmeras as compilações de textos em que a escritora envolve, nas aventuras menos esperadas, animais de toda a espécie (*Arca de Noé* (1999)), mesmo aqueles que para as crianças mais pequenas não são tão familiares, como, por exemplo, em *O Urso e a Formiga* (1973), cujo protagonista é um urso-formigueiro, *A Festa de Anos* (2004), onde nos é apresentada, em primeiro plano, uma avestruz, ou ainda em *Os Ovos Misteriosos* (1994), onde coabitam uma galinha, um papagaio, uma serpente, uma avestruz, um crocodilo e um pinto.

O tema do animal assume uma importante incidência na vida da criança<sup>15</sup>. Nesse sentido, Glória Bastos sustenta que o papel de relevo atribuído "aos «animais pequenos», onde a sua pequenez surge em oposição à sua capacidade de sobrevivência" surge como

<sup>15</sup> Ver uma reflexão de Ana Margarida Ramos (2005) a propósito da fábula.

forma de despertar “uma simpatia imediata entre a criança e estes pequenos animais, nos quais ela projecta os seus desejos de acção e afirmação” (Bastos, 1999, 71). Por exemplo, em *O Ratinho Marinheiro* (1973), título de um dos primeiros contos dedicados aos mais novos da extensa criação literária de Luísa Ducla Soares, a autora coloca, em primeiro plano, um pequeno animal antropomorfizado e que acaba por representar, com subtilidade, comportamentos humanos. Sentindo-se profundamente atraído pelo mar, este ratinho vê o seu sonho tornar-se realidade no dia em que encontra perdida uma noz a partir da qual resolve construir o seu barco. Transportado numa verdadeira aventura de contornos épicos, claramente propícia ao desenvolvimento da imaginação da criança pela transfiguração da realidade à qual ela assiste, este pequeno herói procura outros elementos imprescindíveis para a sua viagem: de meros palitos fez os remos para o seu barco, de uma folha fez a vela e de uma rolha fez um pequeno banco. Com a sua embarcação perfeitamente recheada, eis que se vê então conduzido numa aventura jamais imaginada.

Para além da escolha das personagens e das suas características é de salientar o gozo que Luísa Ducla Soares sente em animá-las, dando-lhe vida e profundidade, sejam elas figuras humanas ou animais. O livro *Gente Gira* (2002), cujo título nos dá, desde logo, uma ideia do universo convocado, é uma recolha de vários contos que ilustram personagens humorísticas e, nos quais, a autora associa ao lúdico o *nonsense*. Aparecem, assim, “A Menina Verde”, “O Homem das Barbas” e, ainda, “O Senhor Pouca Sorte”. As histórias, a partir das palavras, criam mundos imaginários e permitem à criança testar uma série de hipóteses. É essa habilidade de recriar outras realidades que caracteriza as histórias de Luísa Ducla Soares, possibilitando o desenvolvimento da imaginação da criança, e fomentando a sua capacidade de sonhar e inventar.

**4.** Paralelamente ao discurso verbal, a componente pictórica de um livro surge com uma importância não menos relevante para a criança-leitora, afigurando-se a ilustração como o principal motor desencadeante da sua interpretação da história. Em grande parte da obra de Luísa Ducla Soares, as letras combinam-se com as imagens, permitindo uma harmonia e um equilíbrio visível na própria composição, atendendo à forma como, plasticamente, os diversos ilustradores com que colabora conseguem recriar motivos, cenários, personagens e até mesmo, valores centrais dos textos, ainda que, em alguns casos<sup>16</sup>, subsistam ilustrações de duvidosa qualidade e que, em oposição, revelarão a insuficiente capacidade do ilustrador em colocar-se no papel de leitor, chegando mesmo a alienar-se do texto e descurando, aparentemente, a importância da relação que deve ser estabelecida entre estes dois códigos.

Contudo, e por isso se evidencia como umas das obras de maior importância no cânone da literatura portuguesa para a infância, em muitas das obras de Luísa Ducla Soares, os ilustradores conseguem sublinhar os traços dominantes da sua escrita. O livro *Todos no Sofá* (2001) serve para comprovar a harmonia existente na parceria de Luísa Ducla Soares e do ilustrador Pedro Leitão – que tem trazido para o panorama literário português

<sup>16</sup> Ver uma reflexão de Leonor Riscado (2007) a propósito da obra *O Soldado João*, publicada em 2001, com ilustrações de Dina Sachse.



para a infância, textos inteligentemente divertidos, quer pela sua estrutura textual, quer ao nível da componente pictórica, sendo esta bastante pertinente, permitindo à criança alargar o sentido das palavras.

De facto, a ilustração nacional tem ganho uma nova e acrescida dimensão nas obras destinadas ao público mais novo, de uma forma mais expressiva nos *picture story book*, uma vez que neles o texto e a ilustração formam uma linguagem mista que, saliente-se, tem vindo a revelar uma maior notoriedade no panorama literário actual. Na sua extensa obra, Luísa Ducla Soares apresenta numerosos livros cujas ilustrações se afirmam pela sua qualidade estética, apelando, em sintonia com os textos, à imaginação das crianças, como se pode constatar, entre outras, em *A Cavalinho no Tempo* (2003), *Se os Bichos se Vestissem como Gente* (2003), ambos ilustrados por Teresa Lima, e *Os Ovos Misteriosos* (1994) com ilustrações de Manuela Bacelar. *Se os Bichos se Vestissem como Gente* revela, pelo encontro entre o discurso verbal e a narrativa icónica, não raras vezes apresentados de uma forma original com recurso à hipérbole, uma representação ímpar perante a “leitura”/observação da criança. Embora saibamos que a criança está dotada de uma capacidade muito fértil de recriar aquilo que ouve, perguntamo-nos como lhe seria possível, na qualidade única de ouvinte, imaginar “uma girafa de cachecol”, “uma baleia elegante de biquíni” ou ainda “uma cobra usando relógios”, sem a potencialização de imagens humorísticas e elucidativas, que direccionem essa sua capacidade de construir mentalmente o mundo proposto pelas palavras.

Outros aspectos ilustrativos, não menos relevantes na atracção do leitor, estão intimamente relacionados com a importância das cores, das tonalidades e das técnicas plásticas utilizadas pelos diferentes ilustradores. Assim, em obras de Luísa Ducla Soares, a cor revela-se um elemento bastante expressivo, servindo de ferramenta decisiva ao nível das emoções e sensações que transmite<sup>17</sup>. *Os Ovos Misteriosos* (1994) possibilitam um encontro literário bastante aprazível, onde a narrativa verbal – não raras vezes colocada num plano inferior à ilustração – é claramente enriquecida pela linguagem artística de Manuela Bacelar. Nuns traços humorísticos, muito próximos de um estilo que José A. Gomes, Ana M. Ramos e Sara R. da Silva (Gomes, Ramos e Silva, 2006, [7]) definem como um “misto de caricatura e de *cartoon*”, combinados com uma pluralidade de cores vivas, n’ *Os Ovos Misteriosos* (1994) a narratologia visual/textual surge como um estratégico processo de aproximação ao pequeno leitor. *O Abecedário Maluco* (2004) confronta-nos com um outro tipo de ilustração – a fotomontagem – que, “pelo discurso plástico muito colorido que lhe serve de fundo, poderá servir para prender pequenos leitores à beleza, ao sabor, à cor e à musicalidade das palavras, da poesia” (Silva, 2005, s. p.).

**5.** Pautada por um elevado rigor estético e literário, a obra de Luísa Ducla Soares oferece um universo plural marcado, não apenas pela diversidade dos géneros literários contemplados, mas, igualmente, pelas temáticas abordadas. Os textos de Luísa Ducla Soares assinalam uma reinvenção do maravilhoso com personagens, temáticas e

<sup>17</sup> Ver, mais recentemente, a obra *Desejos de Natal* (2007), ilustrado por Ricardo Rodrigues cujas imagens, com cores fortes e em formato extenso, são bastante expressivas.

cenários típicos do conto tradicional, que, harmoniosamente combinados com um humor genuinamente aliado ao *nonsense*, vêm sublinhar a diferença e a originalidade desta obra literária para os mais novos. Pela diversidade das personagens ali representadas, pelas suas características, pelos diferentes cenários em que surgem ilustradas, bem como pelos múltiplos desenlaces sugeridos, esta escritora transmite em grande parte da sua obra uma mensagem anti-racista, apelando à convivência social e à integração da diferença, acreditando firmemente na ideia de que “um mundo para todos, fraterno e aberto não é um mito” (Soares, s. d.)<sup>18</sup>. Ambas simbolizadas pelo humor e por uma retórica da imagem, marcada pela abundância de figuras de estilo como a personificação, a metáfora e a hipérbole, aliadas ao absurdo e ao *nonsense*, revisitam-se nas suas ilustrações todas as características imperantes da escrita desta exímia contadora de histórias. A parceria mantida com um número diversificado de ilustradores confirma-se pela pluralidade de técnicas plásticas utilizadas que dotam as suas obras de ilustrações admiráveis, e que, em simultaneidade com a narrativa verbal, vêm despertar a sensibilidade estética da criança, apelando à sua imaginação. Constituindo uma verdadeira arte de escrita, a obra de Luísa Ducla Soares destaca-se pela irreverência e singularidade das suas histórias para crianças, e que, continuarão, sem dúvida, a deliciar pequenos e grandes leitores.

## Referências bibliográficas

- ▶ BASTOS, Glória (1999), *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ▶ FLORÊNCIO, Violante (2001), “O Elogio da Diferença na Obra de Luísa Ducla Soares”, in Gomes, José António (Org.), *Malasartes* [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude], n.º 5, Abril de 2001. Porto: Campo das Letras, pp. 3-8.
- ▶ GOMES, José António (1993), *A Poesia na Literatura para Crianças e Jovens*. Porto: Edições Asa.
- ▶ GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.
- ▶ GOMES, José António, RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis (2006), “Os Ovos Misteriosos, de Luísa Ducla Soares” in Roig Rechou, Blanca-Ana, Soto López, Isabel e Lucas Dominguéz, Pedro (coord.), *Multiculturalismo e Identidades Permeáveis na Literatura Infantil e Juvenil*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, pp. 109-119.
- ▶ MAIOR, Isabel Vila (2005), “A Obra Narrativa de Luísa Ducla Soares”, in *No Branco do Sul as Cores dos Livros – Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens*, Beja, 2001 e 2002 – Actas. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 205-220.

<sup>18</sup> Informações facultadas pela escritora depois de vários contactos estabelecidos, via correio electrónico.

- ▶ RAMOS, Ana Margarida (2005), "As Fábulas e os Bestiários na Literatura Infantil Contemporânea", *Forma Breve – Revista de Literatura*, nº 3 (A Fábula). Aveiro: Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pp. 169-194.
- ▶ RISCADO, Leonor (2007), "Danças e Contradanças da Palavra e da Imagem", in Azevedo, Fernando (Coord.), *2.º Congresso Internacional Criança, Língua, Imaginário e Texto Literário – Centro e Margens na Literatura para Crianças e Jovens*, Fevereiro de 2006. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho [CD ROM].
- ▶ SILVA, Sara Reis da, "Recensão de *Seis Histórias às Avestas*" de Luísa Ducla Soares [em linha], (2004), [consult. em 26 de Agosto de 2007], disponível em WWW: <<http://www.terranova.pt/site/paginas.asp?tp=&acr=ra&idpag=841>>.
- ▶ SILVA, Sara Reis (2005). *Dez Réis de Gente... e de Livros. Notas sobre Literatura Infantil*. Lisboa: Caminho.
- ▶ SILVA, Sara Reis da, "Recensão de *Abecedário Maluco*" de Luísa Ducla Soares [em linha], (2005), [consult. em 26 de Agosto de 2007], disponível em WWW: <<http://www.terranova.pt/site/paginas.asp?tp=&acr=ra&idpag=867>>.
- ▶ SILVA, Sara Reis da, "Recensão de *Se os Bichos se Vestissem como Gente*" de Luísa Ducla Soares [em linha], (s. d.), [consult. em 17 de Agosto de 2007], disponível em WWW: <<http://www.terranova.pt/site/paginas.asp?tp=&acr=ra&idpag=755>>.
- ▶ SOARES, Luísa Ducla (1994). *Os Ovos Misteriosos*. Porto: Afrontamento.
- ▶ SOARES, Luísa Ducla (1999), *Arca de Noé*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ▶ SOARES, Luísa Ducla (2002), *Tudo ao Contrário!*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ▶ SOARES, Luísa Ducla (2007), *Desejos de Natal*. Lisboa: Civilização Editora.